



A COR DA GEMA

Isabela
Vannucchi

Carlos Massa Ratinho Junior
Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital
Omar Godoy

Jurados | Poesia
Guilherme Gontijo Flores
Sandra Stroparo

Preparação editorial
João Lucas Dusi

Revisão
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação
Thapcom.com

Ilustrações e capas
Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Vannucchi, Isabela Romeiro

A cor da gema [livro eletrônico]/ Isabela Romeiro Vannucchi. -
Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.
93 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria poesia”
ISBN 978-65-89223-02-3 (e-book)
PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
869.1

A COR DA GEMA

Isabela Vannucchi

a mulher

caqui aberto
a saliva da granada
lírio que busca respirar
fora do brejo dentro do fogo em
alguma cicatriz que boie na água

o pomar

o corpo deitado
nas aparas úmidas
dos frutos passados

a saturação impossível
da asa de um bicho seco
pesa no joelho

um cítrico prestes
a ser morno
inunda a gengiva

a mesa

espalhar
as frutas
sobre
a madeira da mesa
e devorar com alegria
os filhos
sobre
o corpo da mãe

o pai

não parece óssea a órbita
que aconchega seus olhos
nada pode conter uma floresta
senão o interior de sua garganta
desconheço mãos maiores que
as que saem do seu peito
e mostram o avesso das pedras

o peito

encontrar entre fibras
uma canoa que boie
como um ninho

O CUCO

uma folha pousa com graça
no hemisfério do rio
a flor de artifício existe
com violência o silêncio
que se faz com o corpo ao
vasculhar um mapa tinge
as pontas da parede
a portinhola abre-se
a esfera amarela rola
vagarosa entre os dedos
do homem

a gaiola

(cenas do voo rompido)

i.

não raro acordar com o som da gaiola no canto do
[pássaro preto
e correr o dia de olhos vendados
a eleger o canto
do espaço em que soa
pássaro que voa
e o que geme
pássaro-gaiola

ii.

não raro acordar com o som da gaiola no canto do
[pássaro preto
e vê-lo tocar seu corpo-cerca
depois agitar-se
até amontoar
no balanço feito um
manto de santo endurecido
pelo som da gaiola
que sai de seu peito
já menor

iii.

não raro acordar com o som da gaiola no canto do
[pássaro preto
e depois o dia mover-se em silêncio

como um grão para quando o sol tomar
de lado sua pluma preta como seus olhos pretos
e seu bico preto e sua língua preta e
seu olhar preto
o vô dizer

passo preto tá moado

e adormecermos todos
a espera de que
uma gaiola nos desperte
na manhã que ascende

iv.

não raro o pássaro preto acorda ao som dos pássaros que
[voam

e uma parafina maciça pesa sobre os olhos ele busca
um pouco de água para arar a fibra rouca
e quando sua boca se abre ouvimos
o estrondoso som de
uma porta fechada

o vaso

na queda do vaso
é urgente conter
o derramamento
do vazio

a despedida

afinal o que há mesmo entre
um peixe e um
pouco de barro
nunca nos disseram
com precisão
porém devo anunciar que
uma estrela abriu-se em meu punho
para dizer que me sentar às margens do seu rosto não
faz seus olhos deixarem de boiar abaixo do nível da pele
na cor que antecede a cor de seu rosto
e que em nada sua feição se parece
com uma notícia
uma estrela abriu-se em meu punho
para me dizer que a luz o frescor o líquido o brilho a
[sombra o ameno
que cobrem um peixe que nada
são partes do corpo de uma palavra que não nos
[ensinaram a inventar
que o silêncio é uma refinada forma de antecipação do
[passado e que a articulação das
capacidades do corpo costuma medrar diante de uma
[flor que só faz parar
que o modo como a mão sustenta os dedos que enraíza
[diz algo sobre a violência que
pouco é tão definitivo quanto as pessoas que não se
[conhecem
que existe uma ênfase possível na palavra paciência que
[cega a lâmina de uma faca voraz

que coincidência é um nome amplo para eventos que
[separados são pequenos
a coincidência é como uma palavra
que mastigar algo duro pode ser capaz de lembrança
[que aprender os múltiplos de cinco
nos cose ao tempo que estrelas podem se abrir em punhos
[cerrados para revelar que de
cima só se vê esferas e buracos
a esfera e o buraco são os únicos inteiros
é o que ela quer dizer
e que no silêncio fundo ressoam
os estouros que não esperávamos
ainda que sentados

uma estrela abriu-se em meu punho
para me lembrar que
não brota na boca a vez de voltar

a estrela

cavalos partem
da respiração do homem
rumo às estrelas
e a franqueza com que o brilho
aloca-se no passado
desvia o esvaziamento dos pulmões
respirar é ato dos pés
que afundam um milímetro
ao redor do próximo futuro
da estrela
a mão mantém-se
seiva contígua
até perceber-se
senhora do peso
que ocupa
o silêncio

a poeira

o tempo aportou em seus olhos
como um cardume
os vincos de seu rosto
não podem ser manuseados
sua pele com calma tornou-se madeira
nos anéis esbranquiçados de seus olhos
ainda abertos alastrou-se
o peso dos ombros
o tecido que lhe cobre o corpo é excessivo
nos cortes cicatrizados em seu pé diminuído
uma extensão de passado se abre como areia
a cor pequena da sua boca nunca buscou
uma palavra maior que o rio
a habilidade das mãos represou-se
no tremor discreto das notícias que um corpo pode dar
sua voz soterrada
pelo assoreamento da garganta
na terra encerrada em que ainda
agarram-se seus cabelos
não cabe outra cor senão a maior
o branco ocupou-se de ser completo
na sua presença enxaguada pelo tempo
seu corpo não se move só se apaga
a língua mastiga na seca a memória
de um nome
nada consta na boca
é tenaz o estreitamento das portas

a avó

uma romã
com bagas que racham
antes de sua queda
e que se aglutinam
no leito de sua morte

a romã

ver rachar
colocar na boca a bolsa
sentir o espaço fino entre
o sólido e a membrana
conhecer o gosto pequeno
que leva seu nome

a infância

manter as mãos ocupadas
em abrigar os grãos de rio
para que não se molhem
conter o resto do corpo
evitando esbarrar na
silenciosa rebentação
dos nomes que distorcem
o sentido primeiro das coisas

o cão

da janela é comum ver um cão
que estraçalha uma ave e nela
se deita e molha seu corpo
no cheiro dela e que depois busca
as pernas dos homens para roçar
nas calças a coragem que nasceu
com suas gengivas e no chão quente
de seu couro e entre seus pelos
como uma insígnia
enquanto estraçalha uma ave
é comum que do ato do cão suba terra
e que a terra tinja o cão como se fosse
o sangue da ave que já sangrou por inteiro
nessa hora a terra saindo de um sólido
nos isenta de encontrar a ave
no corpo que o cão estraçalha
então da janela vemos o cão
estraçalhando um objeto
que não carece
de descanso

o estirão

plantas baixas
rebentam
aos pés
da boca

o pão

homens amolecem pedra
no leite
enquanto evitam
os rios irresistíveis
que cosem
suas cabeças

o ventre

o volume
do estouro
da febre
da orquídea

o colo

o sopro
abranda
o rosto
decantado
no fundo
da colher

a mãe

quando do alto
chegar a ver os círculos
antecipados que os peixes
só traçam com o tempo
e conhecer a força que faz
tender a abraçar um grão
da chuva que cresce na boca
um sólido se precipitará
e nele haverá a inscrição
do nome
que não permite cair

o pássaro

o coração de um pássaro
não guarda segredos
senão o enigma
que uma semente pinga
em sua boca pequena

o peixe

um peixe faz sombra em seu rosto
e quando seu pescoço haste
de planta que busca
o sol estica
é possível observar nas pupilas um aperto mínimo que
[busca dizer
um peixe faz sombra em meu rosto
e quando meus olhos se deitam sobre o fogo eu vejo
antes do estalo no espaço pequeno depois do fim do fogo
[um peixe
que nada longo em minha direção
e todas as manhãs um pouco antes de acordar a última
[imagem que tenho
da noite que tive é um peixe dourado que desaparece de
[costas
e para cima alternando seu dorso entre
a manhã e a água
como um remo
sentir de olhos fechados a luminosidade obstruída pela
[alteração das formas sólidas do céu
me lembra que um peixe faz sombra em seu rosto
e quando meu corpo deita-se por completo na terra e
[posso sentir nas costelas
a voz baixa e extensa do chão a dizer que
tem o rosto do homem do destino
eu me lembro que há um peixe que faz sombra em seu
[rosto
e que ainda que eu olhasse diretamente para o

escuro bolhas
de oxigênio brotariam em minhas pálpebras e dilatariam-se
as nuances do breu para que eu não me esquecesse que
um peixe faz sombra em seu rosto
e quando um feixe catalisasse em meu corpo
a virtude de suplantar a cor
dos seus olhos abertos de olhos
fechados sairia à caça do rosto que faz sombra no peixe
que surge e exaspera como fosfeno como
súbitos núcleos de uma pedra
leve
porém nada que cerca
um peixe se repete
nem sequer meu calcanhar
pode afundar-se na sombra
de um peixe

quando a noite passa
pelo peixe o peixe
move-se como
si mesmo
entre as estrelas que
passam com a noite

um peixe não age
contra si ele não sente
as estrelas sobrepujando seu reflexo como pele
polvilhada sobre água
quando nada
o peixe não
se deslumbra mas
quando um peixe faz sombra em seu rosto
penso na língua inofensiva de um peixe

e nas pintas que salpicam seu cenho
vejo um excesso de tinta mas não sua
origem
e um desejo reto de encontrar
uma parte seca no fundo
dos olhos do peixe uma praia
que comporte o mistério de nunca saber
se o peixe
que faz sombra em seu rosto
olha
diretamente para o sol

o amor

demarcar uma linha
imaginária no rio e
observar muito
de perto e de repente
o desfazimento
de uma fronteira
sondar as gotas de suor
até encontrar no eixo
de um mineral um significado
que caminhe entre os bichos

a galinha

(miudezas extraídas do papo da galinha)

i.
asas só servem para aterrissar

ii.
gritar na porta do galinheiro
e observar a queda seca
dos corpos

iii.
o papo amarelo metálico
é o milho milagre é o ovo

iv.
o cisco voa
cisca a ave

v.
guarda a chave
do mistério
a ordem
do nascimento

vi.
torcer o pescoço
dissecar o papo em busca
de uma pedra que brilhe
entre o milho moído

vii.

dormir com elas
acordar com ele

viii.

o sangue fede
anda sem cabeça
tem um bom coração

a faca

uma faca
corta o tomate
e funda
a maior
manifestação
do presente

o absoluto

ninguém é capaz
de isentar-se do
som do rio
nem da solidão
que se aloca
como mormaço
entre si e a chuva
ao não encontrar
segunda maneira
de estar em pé
nem da finitude
dos metais
inaugurados
nem do rigor
de um caroço
diante da insatisfação
dos dentes
nem da distância
de tudo o que
não se pode tocar
com a língua
nem da inteireza de
não haver
nada menor que
uma curva
nem mais seco que
um pingo
que não se prende
a desviar

o rio

o rio pede
passe sobre os meus pés

e eu que não conhecia
serpente tão milenar digo
sou apenas um homem que se abre

e o rio pede
passe sobre os meus pés

e eu peso
como uma serpente
sob os pés do rio

a vida

a limpeza de um rosto
quer significar
a água que
já se espalhou
com as costas
das mãos

o raio

o vô na mula
um fogo verde
lambe um bicho
ajoelha

o algodão

de longe uma mancha
que significa seu corpo
escorre pela rua
de algodão
conforme passa
pelo pé o branco
some o corpo
quando sua pinta
de verde a vista
a mancha restaura
a natureza

o vô

ver na estrela
uma possibilidade
de destino
seguir sondando
a beleza
dos pequenos escuros
não se contentar
com a finitude
de um peixe
seguir o rio até
onde ele se torna
gás
subir com o gás
até ver de cima
a própria cabeça
e deixar sobre ela
um pequeno sólido
que te faça investigar
o céu

o lusco-fusco

enquanto pássaros
fluem pelo leito
de uma cor
que passa acima
dos homens

e flores sugam
a espera que mina
rente aos pés
que reconsideram
o dia

uma criança
extrai sua infância
do seio da terra
como um dente

a varanda

um pequeno calor
que só cabe nas mãos
abertas
o balanço lento da cadeira e
a marca de nascença desse som
o último ramo da samambaia
nega-se a tocar os olhos fechados
o vento não alcança o fundo do rio

a saudade

molhar dois dedos
escrever um nome
na terra esperar
que o sol solidifique
a água

a tarde

uma folha folga
sobre o passado
contínuo do rio

abelhas operam
pousos forçados
no ponteiro
dos relógios

o tempo

para supor o futuro
basta desviar o curso do rio
para que passe pelo centro da casa
a assim afine os ossos dos rostos
das pessoas enquanto dormem
e em seus peitos
o rio inicie pequenos buracos
levando-nas junto de seus sedimentos
a um espaço
que ainda não existe antes de desviá-lo

a manga

mapear com os dentes a grossura da casca
definir o ponto de incisão arrancá-la
sem temer o desligamento do corpo
ver o levante das terminações nervosas
no brilho denso da fibra úmida sentir
o cheiro com as partes do rosto
acomodar as linhas entre os dentes
derreter o suco na roupa como parafina
amolecer o caroço com a saliva arrepiá-lo
contaminar a cercania da boca encontrar
o fim arremessá-lo ao sol chupar o resquício
de cada dedo seguir viagem sentindo
com a língua a interferência no riso e ao
cessar o silêncio o amarelo no hálito

o leite

pousar as mãos no íntimo de um animal
extrair dele a cor absoluta
esgotá-lo satisfazer-se e guardar
a cura
ao abrigo da luz
ao alcance da casa

o filho

adere-se ao peito
um quintal
passa-se a
viver por amor
a um nome

O OVO

estou tentando alcançar um pedaço de cálcio que entrou
[no ovo quando o quebrei
a espessura do nome clara não me permite alcançá-lo vou
[ao encontro do sólido que
desaparece na ponta dos meus dedos quando acredito que
[o toco
basta minha mão sair da frente dos meus olhos para
[vê-lo pleno
o pedaço de sólido nada como um pequeno astro de água
[protegido pela própria
densidade como a habitar
uma casa inteiramente de vidro que como o vidro escorre
[lenta entre os dedos do passar dos anos
os anos passam como minha mão passa
entre os cabelos brancos dos partidos como
o peito estufado e oco de um barco pequeno passa por
[pássaro entre a cor azul e o corte da água
o sólido persiste entre o ovo que já é só a ossada que verte
[ao lacerar a casca
a casca do ovo é composta de poros
quer o sólido
estar entre os meus
dentes quer encontrar o cálcio quer
estar entre os seus
quer cercar-se dos dentes alocar-se no subterrâneo
da minha língua
murado pelos entes queridos
quer ascender ao céu

de minha boca
velado pelos seus ancestrais enraizados pela cabeça em
[seus pedestais
o sólido foge dos meus dedos que vão se deixando na clara
e a gema permanece intacta
sem estourar com o agito das águas que orbitam ao em
[torno de si estranha à guerra que
se instaura entre os sólidos que interferem um ovo e as
[pontas de um só dedo como um sol de consciência deserta
é o interior da origem
quero alcançar a memória que foge
a memória tem o tempo da língua de fogo
no centro do ovo há o mistério em círculos concêntricos
[até chegar a nada
mais interior que a cor da gema

a vaca

a carne navalhada
do tronco
robusto do bicho
entre os
dentes de leite

a janta

o feijão apita
o guizo da cigarra
concorre o chuveiro
fecha um rodo seca
o arredor botas batem
como sinos
longe ave maria
uma mão grande
estrangula uma colher
metal no vidro
marrom do prato
copo de extrato
esbarra no dente
dedos filtram
as contas do terço
o osso semiduro
de um joelho velho
trepida no chão batido
palitos petiscam o resto
entre o resto dos dentes
um fruto cai de passado
pesado um corpo
desmonta esvaziado
outro cai e chora
pés grossos esfregam-se
fósforo na palha
a perereca sob a pia
a porta de pano

cobre o aço areado
a bucha roça no
sabão de soda
um peito tosse
range os dentes
da porta insetos
relembra a
coordenada da luz
a bomba d'água
alivia o cão
inicia seu turno
janelas correm
seu trilho com
força desmedida
uma vaca aguarda
a boa hora dentro
de seu ubre
um leite monta um
bezerro posiciona
o sucesso de sua
vinda calculadoras
falham no fiado do
leite o queijo descansa
panos torcidos no tanque
recuperam-se do livramento
da própria memória
jatos finos de chuva
em cativo
espirram sem força
na verdura galinhas
cuidam do equilíbrio

não se ouve o mato
que apesar disso
cresce

o cavalo

escorre do corpo
do cavalo morto
uma poça de
cansaço
que a terra come

da árvore cai vencida
uma folha
sobre os olhos
do cavalo morto

a cerca

não se lança sobre a cerca
à espera de derrubá-la
nada se derruba com o corpo senão
o silêncio que um peixe emite
o canto de um pássaro que teme
a iminente alegria de um corpo
que espera uma porta se abrir

a memória

o homem revira as pedras
à procura de seu passado
entretanto
ao quebrar uma pedra
nada escorre

a amora

com cuidado o dedo pode encostar no fruto
apanhá-lo porém requer a prudência do escuro
como no aval da água alcançar o peixe e por isso
zelar para não espantar o imovedouro mas

com cuidado o dedo pode encostar no fruto
como se atritasse na noite em si que só
pode ser iniciada quando termina a última coisa
que está próxima às mãos mas

com cuidado o dedo pode encostar no fruto
se com o resto do corpo segurar-se
o desejo de apanhá-lo
para introduzir essa febre como
a mão na água em que o peixe
desencontra seu desassossego
assim como se não desejasse
pode-se alcançar com cuidado
a cor mais escura que o oxigênio
suporta supor e sobrepor
esses escuros no pote até que
em suas mãos exista uma noite
e que os gomos mínimos de
pontas aclaradas brilhem
entre a solidez do escuro e
o ar aberto
e então quando o pote
encher fechar

os olhos
enfiar a mão no pote
cobrir até os pulsos
esmagar as amoras a
intuir a medicina dos tecidos
sentir que a noite do mundo está cercada
pelo pote
que seus dedos são remos que movem
as vias da noite
que são frutos perfeitos os dedos que
nada pode ser maior que um dedo
que transforma amora em noite
depois levar à língua seu desfazimento
sentir a dissipação de algo que
esteve vivo e está desperto
a magia do corpo que desaparece
depois abrir a boca
não encontrar amoras senão dentes
novos que nascem entre os antigos
seguir para casa com a sola dos pés tingidos
sem nunca terem manuseado o chão
com as mãos ainda inocentes
após o soterramento
com a cor e o corpo da noite
inexistidos de sua boca
de modo que não fosse
pelos novos dentes pequenos
e pretos
a tarde seria
como a água que não permite dizer
um peixe passou por mim

como uma árvore que só existe
para asseverar que
com cuidado o dedo pode encostar no fruto

a dor

vibra
um obstinado desejo
de abrigar os peixes
que se contorcem
em seu peito
velho

a noite

uma mosca
raspa na pele
a medir
o diâmetro
do corpo vago

o silêncio

a raiz perscruta a terra
a reunir indícios
de que
o silêncio
ainda mora
na saliva
dos que já se
retiraram

o inseto

quando um inseto morre
nenhuma palavra descansa

a manhã

ao acordar
é urgente ver
um bicho morto que assegure
a voracidade do silêncio
uma criança fresca
apta a reler um pássaro
a permanência imaculada
das próprias feridas

o mosquito

boia no espelho d'água
a suportar
a proximidade de seu reflexo

a canoa

escápuas mapeiam
o eixo do assoalho
no fundo do rio
a pele das pedras roçam

o café

meu rosto derrama-se sobre uma parte firme da
luz

certeira

atinge a mesa com cicatrizes da janta

seu ombro tingido de sol assusta

a manhã que retorce

sua mão distrai-se em raro repouso

temo que a mesa tome-a

monocromia

que as linhas que marcam a força

com que sua mão se fecha

alonguem-se pela mesa

tornem-se fibra do tronco

que

a demonstrar o nosso futuro

não volta a se levantar

segurar em sua mão fere a minha

sua mão não sabe segurar com

dois dedos

em seu copo

giram as constelações

meus olhos crus interrogam cristais

aqui não sonhamos com neve

os globos estão abertos

a noite gira úmida em sua mão

estrelas obedecem

os comandos de uma colher

que gira desacompanhada

de sua atenção
ao levantar assusta

seu próprio corpo

esfriamos abaixo do aço
de seu queixo

o filtro

enquanto
castanhas seguem estalando suas malhas de ferro
na inacreditável quentura coletiva do chão o sol
ainda não dilata os poros do poço nem
alcança o barro das maçãs do rosto
da água

o vento

como de um braço
erizam os pelos
do rio

a chuva

trazer sob as unhas o solo
ler nesse vão a idade
da última chuva

o seio

a boca suga
como quem come
seu nome na pele
de uma raiz

o poço

gritar pelo nome às
margens do poço
à espera
de que a força da
palavra abra o fundo
e não pare de abri-lo
enquanto durar a queda
à espera
de que suas mãos
pequenas agarrem
o nome que se grita
e adentre o vão eterno
de uma palavra
salvando-se neste lugar
de onde
não se pode
sair nem morrer
à espera
de não encontrar
o corpo frágil de uma
criança desfeita
com o peito aberto
como um ninho
à espera
de ouvir ainda sua voz
trêmula e fraca
soprando do fundo do
poço como uma

agitação discreta na
 água
 na esperança
da garganta da mãe não
 se tornar o poço de
 não se afogar
 a mãe
no vazio da própria
 garganta

o varal

o vento simula
a liberdade
do corpo

a procissão

a primeira pessoa segue seu caminho
a segunda pessoa segue o caminho da primeira
a terceira até a última pessoa seguem a segunda pessoa

a ferida

se você
não parar de olhar
não para de sangrar

a esperança

enquanto no aro dos olhos não
vingar bolor e
na trinca da fala ainda
se umidificar qualquer luz
que corrija a postura
de um abismo
estará assegurada
a caligrafia escondida
nas pegadas de um animal
e a convicção com que as costas
das águas se viram
após sua própria passagem
para comer os rastros de um peixe

o alho

vasculhar o domínio dos olhos
que se abrem pela terra
esmagar-lhe os dentes
a simular a barbárie
sentir na boca do nariz
o hálito do milagre

a fé

clamar
pelos ouvidos de deus
não
pela sua obediência

a beterraba

apesar do pigmento do mistério do peso do corte do porte
do solo do arranque do tamanho da mão da pintura que
opera nas paredes internas de simular um órgão impos-
sível de guardar semelhanças inconsistentes da existência
maciça do potencial lesivo se arremessada de ser raiz de
raspar em uma segunda genética de quase ser outra coisa
de fingir que sangra de sinalizar sua passagem pelo corpo
de seu fundo doce

o pedaço embrutecido de terra o broto de pedra a esfera
porosa de lenha o coração a ocupação do silêncio o filho
morto de uma árvore muda o tutano a úlcera da terra
não reage à mordida não altera a voz não pretende que
haja no silêncio a sua cor

a pedra

não se usa amar uma pedra porque não importa o que
[se faz com o solo entre os dedos
a pedra não respira
nem os relógios que se penduram nas paredes
comovem a pedra
não se usa amar uma pedra porque em nada sugerimos
[semelhança ao seu silêncio
porque por si não estraçalha o vidro o septo o fruto
[porque não há nada que uma pedra
possa perder nem algo que lhe falte ao apoio porque
[uma pedra estará sempre no chão
não se usa amar uma pedra porque uma pedra
não desvia o caminho de um bicho
porque ao se quebrar não se torna uma pedra quebrada
[nem se torna uma pedra menor
mantém-se pedra
única porque não é hábito que lhe pousem os olhos a
[esmerar dimensões nem uma pedra
pode olhar seu reflexo na água
não se usa amar uma pedra porque
o amor que para
sobre a pedra que não se mexe
não se equilibra
nem alcança a idade
da pedra
não se usa amar uma pedra
porém
realiza-se uma pedra

ao arremessá-la ao rio
para que
assim que fure a água
passe a conhecer
o único som
que é capaz
de produzir

o abate

ao alimentar o animal
sentir na própria língua
o verbo a pesar
como uma esfera lisa
que tende

a mão

metade rasga a outra começa
a livrar-se das unhas tolera o níquel que sucede a vida do
[bicho a moeda após a morte lê
o mapa estampado no tórax que se distancia vasculha o
[fundamento de uma rã arremessa
um copo para exemplificar a modelagem de um rosto com
[excesso de água apura no caco
o voo dos destinados

metade roça a outra tende
a produzir lodo medra sua não se retira ao incomum de
[um aposento abandona crianças
ao sol não computa a existência do rabo dos bichos que
[possuem chifres ou qualquer
elemento mais significativo perfuma a efervescência da
[panela opera cortes cirúrgicos em
frutos para salvá-los da continuidade despede-se com
[outros órgãos que não os que
compõe o corpo de uma cidade

metade ressentida a outra não
se divide aprende com o frio a ser um só com a sede a suar
[come fome a ser assertiva
precisa do recado que a faca deixa na carne ereta como
[segredo que sai secreto e
encurvado do meio escondido da escama da cebola que
[sobe como pressa aos olhos como

um cisco que plana como uma parte feminina da chuva
[que encontra a parte feminina de
uma pedra derramada perto da porta como o palato mole
[que se despreocupa para os olhos
poderem dormir ao mesmo tempo

metade resiste a outra
ostenta o maciço da coexistência

a flor

o perfume
entorna no ar
enquanto
a flor leciona
segundas formas
de ser concreto

a doença

o mercúrio descoberto
endereça a florada
da carne

a morte

a primavera se alastra
a adereçar
o corpo

o mar

não há que se lamentar o abandono
da casa do cultivo do amor
senão o abandono do mar
abandonar o mar é
violar a concha
que se faz com as mãos
para proteger um sentimento
circular com o dedo uma fresta no céu
a partir de onde não haja astros que brilhem
exigir menos beleza das coisas raras ainda que feias
cortar dedo a dedo os próprios pés
sangrar um cão viver
assombrado por uma cor
imagino que abandonar o mar seja como
não estar certo da própria respiração
partir e não sentir o impacto
do interior de uma fruta
não saber comê-la
só enxergar nas flores
uma existência desnecessária
ainda não entender por que curvar-se
questionar a textura da própria pele
ver a origem do suor como o maior mistério de um corpo
porque
depois do mar abandonado não há
nada que mereça prover
abandonar o mar é
retirar as mãos que ampam o giro

das causas impossíveis
silenciar a parte do corpo
que sem ver o mar
é capaz de imaginá-lo
o mar imagina-se mais ao olhar o pasto
que diante do rio
porque o verde passando a ser azul é menor que
o rio passando a ser o pasto
depois passando a ser azul
depois passando a ser imenso e salgado
depois passando a não ser daqui
não se abandona o mar se
olha-se para a própria existência a espera de algo se
conta-se com a realidade desta noite se
há diante de si
qualquer coisa de pequeno
o mar atende
porque para cada gota pode haver um nome
não se abandona o mar senão
por uma nova imagem de mar
um que fique três centímetros acima da própria cabeça
[que tenha meio que se desloque
que se esvazie que se abra todos os dias pela manhã e que
[se guarde a noite na casa de
uma pessoa que se esconde que converse mais que opere
[milagres que cure que mate
que adoeça que devore dores que receba os que morrem
[que dê frutos que se reproduza
que não exista que nunca seja encontrado que só se veja
[de cima que caiba no bolso não
se abandona o mar

porque ao fazê-lo
nunca poderemos deixar de ser
sólidos que só subsistem pousados em sentido exato
que trazem nas mãos a ausência das coisas ofertadas
e guardam a obsessão por encontrar no descarte
o preenchimento dos próprio buracos
ausentando seus orifícios
dos vácuos que os podem transcender
não se abandona o mar
porque só assim pode-se
desejar com avidez ver resguardada
a imensidão de ser irrisório e então
sentar-se diante de algo que nunca esteve incompleto
arrebatar-se na presença de uma história que não pode
[ser contada



Vencedor
na categoria
POESIA

